



### PLURILINGUISTO ENTRE OS TRUMAI: ESTUDO DE CAMPO NA ALDEIA WANI WANI

Juliana Borges de Oliveira (PPGLEtras/UNEMAT Sinop)<sup>1</sup>  
[julianastaciosnp@gmail.com](mailto:julianastaciosnp@gmail.com)

Neusa Inês Philippsen (UNEMAT/Sinop)<sup>2</sup>  
[neinph@yahoo.com.br](mailto:neinph@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O presente artigo apresenta um estudo sobre a língua Trumai, sendo esta considerada geneticamente isolada devido à falta de parentescos linguísticos com outras línguas. O ambiente de estudo é uma aldeia localizada nas Terras Indígenas Capoto Jarina Wani Wani, local hoje onde vivem 77 pessoas. A situação desta língua é particularmente delicada, no que diz respeito à sua capacidade de continuar viva. Entre os Trumai, a frequência da Língua Portuguesa é incomum se comparada com outras aldeias, da reserva Capoto/Jarina ou do Parque Indígena Xingu. Para nortear nossa pesquisa, optamos pelo modelo teórico da Sociolinguística Variacionista. Por meio de estudo de campo com coleta de dados, acompanhada de técnica de observação e aplicação de questionário e entrevistas com perguntas estruturadas e semiestruturadas, com os quais atestamos os ambientes plurilinguistas em que os Trumai estão inseridos. No decorrer das últimas décadas foi percebido um abandono da língua original por parte dos mais novos, o que indica para um possível desaparecimento da língua. O idioma mais falado dentro da aldeia é o Português, seguido de Trumai e Aweti, mas outras línguas xinguanas como o Kayapó o Kamaiurá e o Panará também coexistem nos ambientes da aldeia. Realizamos a catalogação de termos caracterizados como empréstimos linguísticos na Língua Portuguesa, atestando a sua forte influência na fala dos Trumai.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística Variacionista, Língua Trumai, Línguas em Contato

**ABSTRACT:** This paper presents a study on the Trumai language, which is considered genetically isolated due to the lack of linguistic kinship with other languages. The study environment is a village located in the Capoto Jarina Wani Wani Indigenous Lands, where 77 people live today. The situation of this language is particularly delicate as regards its ability to stay alive. Among the Trumai, the frequency of the Portuguese language is uncommon compared to other villages, the Capoto / Jarina Reserve or the Xingu Indigenous Park. To guide our research, we opted for the theoretical model of Variationist Sociolinguistics. Through field study with data collection, accompanied by observation technique and questionnaire application and interviews with structured and semi-structured questions, with which we attest to the plurilingualist environments in which the Trumai are inserted. Over the last few decades there has been a noticeable abandonment of the original language by the young, which indicates a possible disappearance of the language. The most widely spoken language within the village is Portuguese, followed by Trumai and Aweti, but other Xingu languages such as Kayapó, Kamaiurá and Panará also coexist in the village environments. We cataloged terms characterized as linguistic loans in the Portuguese language, attesting to their strong influence on Trumai speech.

<sup>1</sup> Mestranda no PPGLEtras/UNEMAT Sinop. Especialização em Sociologia da Educação (Unemat Sinop). Graduação em Letras - Unemat Sinop. E-mail: [julianastaciosnp@gmail.com](mailto:julianastaciosnp@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutora pela USP (2018). Atualmente é professora adjunta da UNEMAT. Docente do PPGLEtras/UNEMAT Sinop. Coordenadora do Projeto "Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso/DIVALIMT" e membro do "Alma Linguae". E-mail: [neinph@yahoo.com.br](mailto:neinph@yahoo.com.br)



**KEYWORD:** Variational Sociolinguistics, Trumai Language, Languages in Contact.

### INTRODUÇÃO

O povo Trumai há mais de um século luta pela preservação de sua cultura e língua. O povo foi considerado em fase de extinção, sendo que em 1952 tinham apenas 18 pessoas morando em uma aldeia, com três casas (GALVÃO e SIMÕES, 1962). Porém, a população Trumai voltou a crescer, e, atualmente, são mais de 200 pessoas, morando em quatro aldeias: Boa Esperança (Awal'dat), Três Lagos, Steinen e Wani Wani (local da pesquisa). As iniciativas para realizações de festas e cerimônias foram reestabelecidas nos últimos anos, e as escolas das aldeias contam com aulas de Língua Materna, fatores estes que estão contribuindo para a revitalização da língua Trumai.

Esta pesquisa foi realizada em uma aldeia Trumai (Wani Wani), na Terra Indígena Capoto Jarina localizada no município de Peixoto de Azevedo MT, e teve como enfoque verificar o plurilinguismo nesta aldeia Trumai e os empréstimos linguísticos no campo lexical da Língua Portuguesa para o idioma indígena.

Cabe ressaltar que a aldeia pesquisada se configura como um local de plurilinguismo, no qual coexistem as línguas Trumai, Kayapó, Aweti, Kamaiurá, Txicão e a Portuguesa, e oferece um campo para análises de vários fenômenos linguísticos. Os falantes da aldeia Wani Wani atualmente, em sua maioria, estão optando pela Língua Portuguesa para a comunicação por vários fatores, entre eles a capacidade de usá-la como língua franca e por ser a de maior domínio de muitos.

A presença forte desta língua na aldeia iniciou-se na década de 1970, com isto, pudemos observar, no lócus da pesquisa, a adoção de várias palavras do Português Brasileiro (PB) no idioma Trumai, que se caracterizam como empréstimos linguísticos. No subtópico das análises, trazemos uma lista dos léxicos que evidenciam este fenômeno.



### 1- Contatos linguísticos

A história do Brasil, mesmo antes de 1500, é repleta de contatos linguísticos. Ao longo destes mais de quinhentos anos, após a chegada dos europeus, conviveram, comunicaram-se e misturaram-se povos europeus, ameríndios, africanos e asiáticos. Se atualmente temos a Língua Portuguesa como idioma oficial, necessitamos, porém, observar a influência considerável que os diferentes contatos linguísticos provocaram e provocam no idioma falado e escrito.

Nos mais de três séculos de colonização, morreram muitas línguas, mas também surgiram outras por causa dos contatos linguísticos. Extinguiram-se principalmente porque os falantes desapareceram, vítimas de doenças, assassinatos e também devido à aculturação dos povos nativos em contato com a cultura europeia ocidental. Sendo assim, muitos falantes deixaram de usar o idioma materno devido à escolha pela Língua Portuguesa, considerada um idioma mais prestigioso (MELLO *et al*, 2011). Vale lembrar que o prestígio de uma língua acontece quando esta domina os bens materiais e de comunicação.

As diferentes contribuições linguísticas que o Português Brasileiro sofreu com os processos de imigração europeia e asiática, o tráfico negreiro e o encontro com os indígenas são fatores que fizeram com que esta língua se tornasse tão diferente do Português falado na Europa. Todos os falantes envolvidos devem ser considerados quando se estuda os contatos ocorridos em solo nacional. Porém, daremos uma ênfase maior ao contato linguístico entre a Língua Portuguesa e as línguas indígenas.

#### 1.1-Línguas em contato

Quando falamos de línguas em contato, é importante ressaltarmos que os primeiros trabalhos que foram considerados inicialmente pela Sociolinguística, na realidade, constituem-se em “trabalhos sobre línguas de contato (cf. WEINREICH, 1953, GUMPERZ, 1958, FERGUSON, 1959, BRIGHT, 1964, e outros)” (SAVEDRA e HEYE, 2006, p. 141), tendo como enfoque a variação interlinguística.



Nos estudos ligados ao que podemos definir como macrossociolinguística, incluem-se também os estudos relacionados ao bilinguismo caracterizado não pelo uso individual do falante bilíngue, mas do ponto de vista de uma comunidade que usa duas línguas ao mesmo tempo, comunitária ou societal, e à bilingualidade, que é o estudo de uso de duas línguas por um único falante.

Desta maneira, o uso da terminologia ‘línguas em contato’ envolve todas as formas de manifestações de bilinguismo e de fenômenos como padronização e o estabelecimento de “línguas oficiais, línguas ‘pidgins’ e crioulas e línguas francas, ‘kaionés’ e outras manifestações de línguas de contato” (SAVREDA e HEYE, 2006, p. 142). No primeiro contexto, incluímos as línguas minoritárias, de imigração, em risco de extinção. Este tipo de estudo fora considerado inicialmente como pertencente à Macrossociolinguística ou Sociologia da Linguagem e atualmente integra os estudos da área de *Linguística de Contato*.

### 1.2 Realidade plurilinguista no Brasil

O Estado brasileiro, ao longo dos anos, negligenciou a realidade heterogênea de um país multilíngue e plurilíngue. A falta de estudos e até mesmo a proibição das línguas autóctones (naturais do lugar) e alóctones (não naturais do lugar) favoreceram o mito do monolinguismo no país. As políticas linguísticas coercitivas e até excludentes proporcionaram um crescimento da desigualdade linguística e, também, sociocultural, quando comparado ao número de falantes.

No entanto, as políticas de direitos linguísticos, sobretudo após a Constituição Federal de 1988, consideraram a pluralidade de línguas e culturas no país, o que favoreceu o fortalecimento e restabelecimento das línguas minoritárias. Um importante fator para dar um fim aos séculos de negação das línguas existentes.

Em vários contextos no território nacional existem sociedades bilíngues, ou plurilíngues, isto é, quando há mais de duas línguas sendo usadas concomitantemente,



seja na fala ou na escrita. Para melhor compressão deste tipo de realidade, é importante definirmos os conceitos dos termos bilinguismo, plurilinguismo e diglossia.

### 1.3 Bilinguismo e plurilinguismo

Mesmo com um passado de tentativa de apagamento das diversidades linguísticas e culturais, o Brasil continua plurilíngue e multicultural. No território nacional, coexistem centenas de línguas com a Língua Portuguesa, mais de 200, sendo maior o número de línguas indígenas (autóctones), em torno de 180, e cerca de 30 línguas de imigração (alóctones). Os termos plurilinguismo e multilinguismo são tratados muitas vezes como sinônimos, porém é necessário fazer a distinção conceitual de ambos, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência.

O Quadro Comum Europeu defende o conceito de plurilinguismo para o ensino de línguas estrangeiras. O Quadro argumenta que o plurilinguismo difere do multilinguismo. Segundo o Documento, o multilinguismo refere-se basicamente à oferta de diferentes línguas estrangeiras para a aprendizagem e ao processo de motivação dos alunos para a aprendizagem de diferentes línguas. O plurilinguismo, por outro lado, não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também à estreita relação entre língua e cultura. (VILAÇA, 2006, p 4).

Quanto à diferenciação dos sujeitos plurilíngues, bilíngues e monolíngues, de forma geral são classificados pela quantidade de línguas faladas. Sendo considerada bilíngue, uma pessoa que domina duas línguas (compactuadas com elementos culturais) e monolíngue a que fala apenas uma. Porém, para serem considerados plurilíngues ou bilíngues, muitos estudiosos divergem entre os limites da capacidade de proficiência dos falantes.

As pesquisas sociolinguísticas relacionadas a este tema estão mais centradas nas línguas minoritárias, em que o falante não busca um segundo idioma por opção, mas, estando inserido em um contexto em que se falam outras línguas, é levado a uma aprendizagem da segunda língua por uma necessidade.



Nestes termos, a Sociolinguística não considera tanto a proficiência do falante (MARTINY e MENONCIN, 2013), ou seja, o bilíngue não precisa ser um falante ideal como um nativo. Sendo assim, os estudos sociolinguísticos estão mais centrados na alternância do uso de duas línguas e as possíveis transferências linguísticas que os idiomas podem realizar, como trocas, empréstimos, mudanças fonológicas, entre outras.

Já na década de 1950 do século passado, o linguista Uriel Weinreich definiu interferência linguística como “um remanejamento de estruturas resultantes da introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua [...]” (cf. CALVET, 2002, p. 45). No seu livro *Language in Contact* (1953), o estudioso apresenta, de forma mais detalhada, tais conceituações sobre o bilinguismo. Em seus estudos, ele considerou os contatos entre indivíduos dentro de uma sociedade levando em conta que as línguas estão em contato quando são utilizadas alternadamente por uma mesma pessoa.

### 1-4 Diglossia

Quanto ao conceito de diglossia, apoiamo-nos em Hamel e Sierra (1983) para separá-lo do entendimento de bilinguismo. Este último é apresentado em uma perspectiva individual, enquanto o primeiro é social. Cabe ressaltarmos que vários estudos da Sociolinguística estão centrados na diglossia.

Os estudos sociolinguísticos destes autores definiram que as interferências individuais podem acontecer no campo fônico, lexical ou sintático, o que as diferenciam dos empréstimos, que são coletivos. No caso do Português falado no Brasil, é observado um número grande de palavras ‘emprestadas’ de outros idiomas, como da Língua Inglesa e do Tupi.

Ainda sobre o significado de diglossia, esta palavra é originariamente grega, mas como área de estudos linguísticos se deu por obra de Jean Psichari, em 1885. Todavia ganhou força como teoria em 1959 por conta de Charles Ferguson (LINHARES e



ALENCAR, 2016), que a transformou em um conceito científico universalmente aplicável em várias situações.

Nos contextos linguísticos que Ferguson escolheu para os seus estudos, eram empregados dois códigos linguísticos, um para os lugares que exigiam formalidade, o qual chamou de “variedade alta” e outro para as situações mais informais, chamado de “variedade baixa”. No entanto, o estudioso também refletiu sobre o que leva uma comunidade a diferenciar as variedades pelo prestígio. Ferguson alerta que a variedade baixa se compõe de costumes, geralmente sem obras literárias escritas, sendo mais usada na oralidade. Por outro lado, a alta possui uma literatura culta ampla e mais valorizada, sendo o ensino formal também favorecido.

Os estudos de diglossia levam em consideração as situações de fala com características linguísticas relativamente estáveis, ou seja, com vários anos de uso concomitante de duas línguas, como no caso do Haiti em que os falantes fazem uso de duas línguas: o Creole e o Francês, dependendo do ambiente e situação.

### 2-A realidade linguística indígena

Há cinco séculos o cenário das línguas indígenas no Brasil não é promissor, estima-se que quando os portugueses pisaram em solo brasileiro existiam cerca de 1300 a 1500 línguas, porém estes números podem ser questionados devido à falta de estudos. De acordo com Seki (1999), o número de línguas atuais está em torno de 25% comparado ao número encontrado pelos portugueses. A extinção destas línguas aconteceu por vários motivos, dentre eles também a extinção dos povos.

O processo de colonização no Brasil foi marcado por muita violência e luta. O drama vivenciado pelos povos originais é relatado em *Os índios e a civilização* de Darcy Ribeiro (2017), que retrata o massacre praticado contra os povos indígenas desde o início do contato. Porém, é válido parafrasear Mércio Gomes que escreve o prefácio deste livro (RIBEIRO, 2017, p.12), dizendo que o próprio Darcy e nem ninguém, em meados do século passado, esperavam que os “povos indígenas que haviam sobrevivido ao



‘holocausto’ americano” conseguissem se recuperar e viver momentos mais felizes, isto, em comparação à violência já sofrida.

Com este passado de violência e pacificação, é obvio que as línguas também sofreram pela extinção e pelas mudanças que são comuns durante os contatos, mas, no caso das indígenas, as transformações foram particularmente intensas. Por essa razão, muitos pesquisadores linguistas, sobretudo na Sociolinguística, têm se ocupado em estudar os processos de mudanças sofridos pelas línguas indígenas em solo nacional. Além disso, os estudos sobre revitalização linguística têm ganhado espaço e aparecem como alternativa para que a morte iminente destes idiomas, alguns já em processo de extinção, não se concretize.

Quanto aos processos de revitalização de línguas, que é uma forte iniciativa tomada por povos falantes de línguas minoritárias, é atualmente uma alternativa para promover a retomada e o fortalecimento do uso destas línguas ameaçadas. Podendo acontecer através da escola e também através do robustecimento da identidade que constitui a cultura do povo, como práticas de rituais religiosos, atitudes positivas de usar mais o idioma original, reproduções de histórias e cantos característicos de cada povo, entre outras.

Línguas até mesmo sem falantes ou com um número pequeno de pessoas que as dominam estão passando por este tipo de processo, que é um direito dos povos indígenas. Já há casos de pessoas que falavam o seu idioma original e o abandonaram para adotar a Língua Portuguesa, agora fazem o processo ao contrário, sem pretenderem abandonar o Português, mas serem bilíngues ou plurilíngues.

### **2. 1-A chegada dos Trumai ao Xingu**

Os Trumai não pertenciam originalmente à área em que hoje vivem, vieram de outras regiões do Sudoeste do Xingu. Migraram para o Xingu na primeira metade do século XIX, teriam chegado ao local para fugirem de ataques que provavelmente ocorreram com o povo Xavante (GUIRARDELLO, 2005) e há uma narrativa contada,



que o povo, antes do ataque indígena, havia tido contato com brancos, sendo escravizados e teriam fugido do maltrato sofrido.

Ainda no século XIX, os primeiros contatos dos Trumai com outros povos não foram pacíficos, as guerras e conflitos ocorreram principalmente na época em que a equipe de Steinen<sup>3</sup> esteve no território.

Naquele final de século, quando a expedição alemã chegou ao Xingu, os Trumai já estavam morando no local, eram considerados recém-chegados. Segundo relatos de Orlando Villas-Bôas, publicados na *Revista de Atualidade do Índio* no ano de 1977 (FUNAI, 1977), este povo teria surgido pela primeira vez numa praia de areia muito branca no alto do rio Coluene, próximo ao porto dos Kuikuro. Estes contam que a aparição ocorreu quando tomavam banho no rio. Em determinado momento, os Kuikuro viram o povo estranho movimentando-se na água, pareciam que saíam do fundo do rio. O espanto fora tamanho que começaram a gritar: “Gente estranha, gente estranha, nasceram d’água” (FUNAI, 1977, p. 32). Ainda assustados, os Kuikuro correram para a mata e se esconderam para espiarem melhor aquela gente que saíra do rio e gesticulava sem parar.

Os Trumai, por sua vez, riam e sacudiam os braços em atitude de amizade. O grupo contava com muitas mulheres e crianças, demonstrando que não estavam dispostos a guerrear. Após alguns minutos, os Kuikuro resolveram chegar mais perto.

Pegaram uma canoa que estava próxima e foram remando muito cautelosos para verem de perto aquela gente. E notaram que batiam no peito e gritavam sem parar: ‘Trumai, Trumai, Trumai’. Não atinaram com aquele nome, até que os estranhos começaram a apontar para a direção em que nascia o sol. (FUNAI, 1997, p. 33).

Compreenderam, então, que eles não vinham da água, mas sim da região da Serra do Roncador. Este é o relato conhecido para justificar o local de onde este povo teria

---

<sup>3</sup> Karl von den Steinen- pesquisador alemão que realizou viagens até a região do Xingu, ainda no século XIX, seus estudos foram importantes para conhecer as sociedades indígenas que viviam no local há séculos.



vindo, antes de morar no Alto Xingu. A história deste povo, segundo Orlando Villas-Bôas, estaria ligada à dos Karajás e dos Xavantes.

Os Trumai não tinham uma boa relação com os outros povos locais, mas com o tempo passaram a integrar-se ao ambiente e assimilar traços culturais do local. Porém, as diferenças étnicas e linguísticas se mantêm. Estes, por sua vez, compartilham de costumes e tradições comuns, apresentando uma grande homogeneidade cultural (GALVÃO e SIMÕES, 1966).

Apesar de serem um dos últimos povos a chegarem à região, antes da chegada dos brancos ao Xingu, os Trumai assimilaram vários padrões alto-xinguanos, sem perderem os costumes próprios, que os distinguem dos outros (MONOD-BECQUELIN e GUIRARDELO-DAMIAN, 2001). Um exemplo é a não realização da festa Quarup, e a realização da festa Jawari, que é uma festa em homenagem a um ente querido já falecido. Sendo os Trumai que introduziram esta cerimônia no Alto Xingu.

### 2.2-Localização do povo Trumai

O povo Trumai distribui-se no Parque Indígena do Xingu por três aldeias e uma aldeia na Terra Indígena Capoto/Jarina. O nome das aldeias são: Três Lagoas, Steinen e Boa Esperança, no Xingu, e Wani Wani, na Capoto/Jarina (local em que foi realizada esta pesquisa). Esta última é atualmente a maior em número de pessoas, em torno de 80, e foi criada há cerca de 11 anos, tendo como cacique Ararapan Trumai. Os moradores deste local antes moravam na aldeia Terra Preta, vizinha da Boa Esperança, e migraram para esta reserva que tradicionalmente pertence ao povo Kayapó. O total de pessoas Trumai, hoje, ultrapassa 200, sendo que nem todas estão morando nas aldeias, algumas estão em distintas cidades, estudando ou trabalhando.

Também é possível encontrar Trumai junto aos Kayapó, aos Kamayurá, entre os Waurá e Mehinaku. Dessa mesma forma, há pessoas de outras etnias que moram nas aldeias Trumai. Isto acontece muito devido a casamentos com pessoas de outras etnias, o que facilita a transição entre aldeias de povos diferentes.



### 2.3- A língua Trumai

O Trumai é considerado uma língua geneticamente isolada, não pertencente a nenhum tronco linguístico brasileiro, como o Tupi, Aruwak, Jê e Karib (RODRIGUES, 1986), o que significa dizer que não há como pesquisar as línguas que poderiam se aparentar. É possível que as línguas que poderiam se relacionar desapareceram, como centenas de outras. De acordo com Seki (2011), conforme já dito, apenas 25% das línguas que existiam no Brasil em 1500 sobreviveram até o século XX. O que pode dificultar ainda mais a sobrevivência desta língua é que o Trumai parece ser realmente um exemplar único, devido suas particularidades nos sons; como exemplificações, é que há oclusivas e africadas ejetivas, sons que não foram encontrados em outras línguas xinguanas (GUIRARDELLO, 2005).

A situação da língua Trumai, portanto, não é muito favorável, apesar das iniciativas de revitalização da língua através de práticas culturais, como danças e cantos, e por meio da escola, que oferece a Língua Materna (nome da disciplina) como parte do currículo, ainda assim o número de falantes é pequeno para esta ser considerada fora de risco de extinção. Por sua vez, a linguista Raquel Guirardello-Damian (2005) apontou que cerca de 50 indivíduos poderiam ser classificados como falantes ativos da língua. Porém, deste número, nem todos apresentam o grau de entendimento como falante ativo.

No mais, o casamento intertribal sempre foi um costume entre os povos xinguanos, motivando ainda mais a migração entre as aldeias de outros povos, que falam outras línguas. Muitos filhos de Trumai estão convivendo com povos diversos xinguanos. “Ao invés de interações cotidianas, que são fundamentais para a sobrevivência da língua, os falantes mantêm apenas contatos esporádicos com seus parentes” (GUIRARDELLO, 2005. p. 197). Fato este que agrava ainda mais a situação da língua, pois, os casamentos intertribais levam o processo de migração para outras aldeias e à dispersão do grupo.

O número pequeno de falantes está relacionado com a trajetória histórica deste povo que devido às guerras e doenças levou à perda de muitas pessoas. No entanto, a



volta do crescimento populacional se deu após casamentos intertribais, introduzindo novas línguas nas aldeias. O primeiro contato permanente com a Língua Portuguesa se deu entre as décadas de 1960 e 1970, em que parte do povo morou próximo aos postos indígenas (GUIRARDELLO, 2005), o que levou várias pessoas a aprenderem o Português com pessoas não-indígenas que moravam nos locais. “O português também passou a servir de língua franca para os casais interétnicos que não podiam se comunicar em suas próprias línguas” (GUIRARDELLO, 2005, p. 197). Como resultado disto, as novas gerações cresceram falando pelo menos três línguas: o Trumai, uma outra língua xinguana e a Língua Portuguesa.

O Trumai, apesar de todo este contexto plurilinguista, resiste ainda por ser um componente de identidade étnica. Contudo, apesar do visível esforço dos falantes e do trabalho de vários linguistas para a revitalização da língua, o uso do Português se intensificou nos últimos anos, sendo este o idioma usado entre as crianças e jovens. Essas crianças, por sua vez, ouvem os mais velhos falarem em Trumai e manifestam um conhecimento ainda baixo para dialogarem com fluência na língua. Assim, é comum observar-se os mais velhos falarem em Trumai com os mais jovens, haver a compreensão, mas a resposta acontecer em Português. A precariedade de falantes desta língua está intimamente ligada à sua história, com um passado de morte e quase extinção.

A vida errante e os contínuos ataques provocaram muitas baixas no povo. Em 1941, os irmãos Villas Boas encontraram um pouco mais de 20 pessoas, divididas em dois grupos: Halacta, que é o Trumai puro, e o Trumai mestiçado, em virtude do cruzamento com mulheres raptadas pelos Kamaiurá e Waurá. (FUNAI, 1977, p. 36).

Em 1977, ano da publicação de uma reportagem na revista *Atualidade da Fundação Nacional do Índio*, os Trumai somavam 30 pessoas, falando a língua materna. Porém, a tendência natural da perda do idioma, com os casamentos intertribais, foi dificultada por uma medida tomada pelos irmãos Villas-Bôas, que estabeleceram a seguinte regra: uma moça Trumai só se casaria com índio de outras etnias se eles permitissem que os filhos fossem influenciados pelas mães, no aprendizado da língua



(FUNAI, 1977). Esta preocupação se deu pela falta de harmonia entre os nascimentos de meninos e meninas. Entre os Trumai estavam nascendo muitas meninas, o que poderia influenciar ainda mais na permanência do idioma.

Esta situação de casamentos intertribais há décadas ocorre nas aldeias deste povo. Em “1966-1967, Monod-Becquelin observou que não havia, há várias gerações, um Trumai sem parentes consanguíneos estrangeiros ou que não participasse de uma união intertribal” (GUIRARDELLO, 1992, p. 13). Esses dados históricos explicam, em parte, o diversificado quadro plurilinguístico da aldeia.

### 3– Mapeamento sociolinguístico da aldeia

Utilizamos de questionário e entrevistas para realizarmos o mapeamento sociolinguístico da aldeia Wani Wani. As perguntas iniciais foram relacionadas às identificações dos entrevistados, que foram escolhidos de forma aleatória entre os moradores da aldeia. Atualmente (início de 2019), moram 77 pessoas no local. Sendo: 64 Trumai, 6 Kayapó, 2 Panará, 2 Kamayurá, 1 Ikpeng (Txikão) e 1 não indígena, que é uma mulher casada com um dos filhos do cacique. O casal tem um filho mestiço e, além deste menino, há também uma adolescente filha de uma índia com um homem não índio que mora desde criança na aldeia (o pai não vive no local).

Importante ressaltar também que, dos que se identificam como 'Trumai', todos são descendentes também de outros povos, tendo em vista que as duas esposas do cacique são Aweti, e os filhos destes casamentos (que somam 20) casaram-se com pessoas pertencentes a outros povos. As 12 pessoas classificadas como 'não Trumai' de fato não possuem sangue deste povo, mas seus filhos são considerados Trumai. Duas crianças também são filhos de indígenas com pessoas não indígenas.

Para a identificação dos entrevistados, perguntamos a idade de cada membro, o sexo, o nível de proficiência na língua Trumai (fala, escrita, entendimento, leitura). Alguns ainda não são alfabetizados por se tratarem de crianças que não estão em idade



escolar, ou idosos que não frequentaram a escola. No caso das crianças, foram os pais que responderam sobre o nível de proficiência que acreditavam que seus filhos têm. Os resultados podem ser observados no seguinte quadro:

**Tabela 3:** O nível de proficiência dos entrevistados

Identificação	idade	masc	fem	proficiência	
Kayapó 1	28		X	Fala: pouco	
				Entende: bem	
				Escreve: nada	
				Lê: nada	
Kayapó 2	21		X	Fala: pouco	
				Entende: pouco	
				Escreve: nada	
				Lê: nada	
Trumai/Kayapó 1	3		X	Fala: pouco	
				Entende: pouco	
				Escreve: nada	
				Lê: nada	
Trumai/ Kayapó 2	11		X	Fala: nada	
				Entende: pouco	
				Escreve: pouco	
				Lê: pouco	



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Trumai/ Kayapó 3	4	X		Fala: nada	
				Entende: nada	
				Escreve: nada	
				Lê: nada	
Trumai/ Kayapó 4	3	X		Fala: nada	
				Entende: nada	
				Escreve: nada	
				Lê: nada	
Ikpeng 1	43	X		Fala: nada	
				Entende: pouco	
				Escreve: nada	
				Lê: nada	
Ikpeng/Trumai 1	14		X	Fala: pouco	
				Entende: bem	
				Escreve: razoável	
				Lê: razoável	
Ikpeng/Trumai 2	3		X	Fala: pouco	
				Entende: pouco	
				Escreve nada	
				Lê: nada	
Ikpeng/Trumai 3	13	X		Fala: pouco	
				Entende: bem	
				Escreve: razoável	



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

				Lê: razoável	
Trumai 1	33	X		Fala: bem	
				Entende: bem	
				Escreve: razoável	
				Lê: bem	
Trumai 2	31	X		Fala: razoável	
				Entende: bem	
				Escreve: razoável	
				Lê: razoável	
Trumai 3	37		X	Fala: pouco	
				Entende: bem	
				Escreve: pouco	
				Lê: pouco	
Trumai 4	62	X		Fala: bem	
				Entende: bem	
				Escreve: pouco	
				Lê: pouco	
Trumai 5	14		X	Fala: pouco	
				Entende: bem	
				Escreve: bem	
				Lê: bem	
Trumai 6	17		X	Fala: pouco	
				Entende: razoável	



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

				Escreve: bem	
				Lê: bem	
Trumai 7	20		X	Fala: pouco	
				Entende: pouco	
				Escreve: razoável	
				Lê: razoável	
Trumai 8	24		X	Fala: pouco	
				Entende: bem	
				Escreve: bem	
				Lê: bem	
Aweti 1	58		X	Fala: bem	
				Entende: bem	
				Escreve: nada	
				Lê: nada	

**Fonte:** Juliana Borges de Oliveira.

Os dados obtidos nesta abordagem podem ser melhor explicados se estudarmos alguns casos isoladamente. O fato de termos incluído crianças em fase de aprendizado da fala se explica por querermos identificar se o Trumai é falado dentro das residências, não tivemos o intuito de traçar panoramas quantitativos nesta fase da pesquisa, o que foi realizado em outro momento com entrevistados apenas adultos.

Os dois entrevistados mais velhos, sendo uma mulher de 58 anos (Aweti 1) e um homem de 62 anos (Trumai 4), responderam que são bons falantes e bons entendedores de Trumai, vindos de um passado em que o uso da língua era mais frequente, por isso o nível de proficiência dos mais velhos era maior. No caso do homem, ele lê pouco e escreve



pouco, mas domina muito bem a língua na fala e entendimento, por ser a sua materna. A mulher declara que não lê e nem escreve, pois, nunca foi alfabetizada em nenhum idioma e o Trumai, embora não seja a sua língua materna (ela é Aweti), a mesma o entende perfeitamente, pois mora em aldeias Trumai há mais de 40 anos. Com base em nossas observações, podemos confirmar que, de fato, o homem é um bom falante de Trumai, demonstrando fluência na língua. Quanto à mulher, não aparenta ter domínio oral, mas demonstra compreender bem, em seus diálogos usa mais sua língua (Aweti) e às vezes o Português.

Por outro lado, os dados obtidos pelos jovens que frequentaram a escola nos últimos anos apontam o seguinte: dos seis jovens entre 14 e 25 anos, três responderam que leem bem e escrevem bem, um que lê e escreve de forma razoável. Este resultado pode ser explicado devido às aulas de Língua Materna que existem na aldeia. Futuramente seria muito interessante observar a capacidade de leitura e escrita destes jovens, por exemplo se escrevem textos curtos ou complexos, uma vez que os mesmos declaram falar pouco o idioma.

Os outros jovens que responderam não são proficientes na escrita e leitura, e tem o seguinte histórico: uma não sabe nada em Trumai por pertencer a outro povo (Kayapó 2), um fala pouco, escreve e lê razoavelmente e entende bem, é um adolescente que, apesar de ter aulas em Trumai, declara que não tem muita habilidade com a leitura e a escrita no idioma. Por fim, a outra jovem declara que fala pouco, entende pouco, escreve e lê de maneira razoável. Contudo estes dois jovens, apesar de declararem não saber muito a língua, seus familiares os contradisseram, dizendo que eles entendem bem, apenas não falam. Mas verificamos que em vários momentos de diálogos Trumai eles dizem que não entendem. Em outra fase da pesquisa abordamos melhor o uso e importância da língua entre os mais jovens.

Sobre os jovens vale a pena registrarmos uma entrevista que realizamos com a mãe de dois adolescentes, o texto na íntegra está em anexo. A pergunta foi a seguinte: Seus filhos falam Trumai?



Não, eles falam só português, eles entendem tudo em Trumai, mas não querem falar Trumai, eles gostam das coisas de branco, da comida, dos perfumes, o jeito de falar. Mas não é só Trumai que tá assim, os Kayapó falam que nós perdemos tudo, mas eles só têm a língua. Os Kayapó comem igual branco, não vão mais no mato buscar remédio, não dançam pelados, eles querem viver igual branco. Eles falam que tá preservando porque eles têm a língua, mas não é só a língua, é tudo. Nós, aqui, estamos perdendo a língua, mas nós ainda come igual índio, compra pouco remédio e dança também. Eles não querem mais dançar pelado.

Os entrevistados acima de 25 anos e abaixo de 50 anos (sendo um total de cinco pessoas: três Trumai, um Kayapó e um Ikpeng), apresentam os seguintes dados: Os indivíduos Trumai declararam diferentes níveis de entendimento: um diz que fala pouco; o segundo declara que fala razoavelmente; e outro indivíduo diz que fala bem. Apesar de os três serem irmãos e terem aprendido a falar na mesma residência, os dados divergem, podendo se tratar apenas de uma opinião sobre o nível de proficiência ou do abandono da fala ao longo dos anos, gerando o esquecimento. A divergência pode ser melhor esclarecida com o nível de interesse de cada um, pois as idades dos mesmos são próximas (37;33;31). O mais lógico seria o mais velho ter todos os níveis de proficiência com maior desempenho que os outros, porém não foi esta a resposta, sendo o do meio, o Trumai de 33 anos, que respondeu ser uma pessoa mais entendedora da língua.

O nível de proficiência dos outros dois pode ser uma questão de opinião, visto que observamos diversas conversas em Trumai, e pareceu que não abandonaram o idioma. Perguntamos em outro momento para a entrevistada mais velha se ela teria esquecido a língua e ela respondeu: “Esqueci não, o som que acho que mudou”.

Quanto ao Ikpeng e à Kayapó, apresentam os seguintes dados: O Ikpeng declara que entende pouco, não fala, não escreve, nem lê. No dia a dia, alguns termos percebemos que ele compreende, mas não usa o Trumai em suas falas, e a Kayapó de 28 anos compreende apenas alguns termos e tem dificuldades de usar a língua portuguesa, pois a está aprendendo na aldeia. Cabe ressaltar que poucas mulheres Kayapós falam Português.



De acordo com estes dados, é possível afirmar que a língua Trumai apesar de estar em uma situação delicada de sobrevivência, não pode ser considerada em extinção (GUIRARDELLO, 1988; 2005), mas a sua situação é pouco favorável, dada a constituição de seu povo, pois, praticamente todos contraíram casamentos com outros povos, que falam outras línguas. O resultado de tal fato é que nas aldeias Trumai se fala não somente esta língua, mas uma, duas, três e até mais línguas diferentes. E a língua portuguesa serve de língua franca, quando a comunicação entre as pessoas fica prejudicada devido à falta de conhecimento da língua do outro.

### 3.1 Subsídios para a compreensão das situações de contato linguístico

Conforme a Sociolinguística, é necessário levar-se em conta que nenhuma língua existe em isolamento, dessa forma a língua Trumai, apesar de ser considerada isolada, atualmente conta com várias palavras emprestadas de outros idiomas, como o Kamaiurá. Isto talvez tenha acontecido devido aos casamentos intertribais entre estes povos (MONOD-BECQUELIN, GUIRARDELLO, 2001). O pesquisador americano Buell Quain quando realizou pesquisa no Xingu, nos anos de 1950, observou que o Kamaiurá era o idioma mais falado nas aldeias Trumai. E, com isto, os empréstimos foram inevitáveis. Este fenômeno pode-se explicar através das variações que a língua sofreu com o tempo – diacronia. Por sua vez, enquanto na década de 1950 os Trumai tinham muitos empréstimos do Kamayurá, a partir da década de 1970 percebemos a entrada da Língua Portuguesa no idioma Trumai. Para entendermos como se deu a entrada do PB nas aldeias Trumai, devemos acompanhar os processos migratórios que ocorreram com este povo.

As aldeias Trumai foram alteradas de locais diversas vezes ao longo da história. Em 1966, foram encontradas por Monod-Becquelin aos arredores do posto indígena Leonardo Villas Boas, morando no local desde o início daquela década e permaneceram até o final dos anos de 1970 (GUIRARDELLO, 2008). Segundo relato de uma jovem Trumai, coletado pela linguista Guirardello (1993), neste período a Língua Portuguesa



entrou nas aldeias Trumai, pois um dos moradores trabalhava no posto indígena e aprendeu a língua dos ‘caraíbas’<sup>4</sup>.

Outra porta de entrada do idioma nas aldeias Trumai é a constante ida dos indígenas para a cidade. Os estudos de Seki (2011) apontaram que a Língua Portuguesa atualmente serve de língua franca em várias aldeias do Xingu, sobretudo entre os Trumai, que possuem uma carência de falantes proficientes no idioma.

### 3.2- Empréstimos linguísticos no campo lexical

A presença há décadas da Língua Portuguesa entre os Trumai gera não só o empréstimo linguístico, mas também a formação de ambiente plurilíngue. Todavia, como já registramos, a preocupação com a transmissão da língua Trumai para as novas gerações existe, mesmo que de forma precária. Durante as reuniões que a comunidade realiza entre os membros, o cacique usa o idioma em suas principais falas, sendo compreendido pelos filhos e netos, embora nem sempre. Às vezes, ele realiza traduções para o português, outras vezes não. Mas nunca é interrompido pelos mais jovens, mesmo quando estes não compreendem o que ele fala. Isso ocorre porque eles fazem parte de uma cultura que respeita a oratória dos mais velhos, ou seja, do cacique (que é pai ou avô de quase todos os membros).

Um dos fenômenos recorrentes dos contatos linguísticos é o empréstimo nos campos lexical e fonológico. A língua Trumai possui várias palavras que são compartilhadas com semelhanças morfológicas e fonológicas de outros idiomas xinguanos e também da Língua Portuguesa. A ocorrência é natural entre uma língua e outra, em relação à Língua Portuguesa, o que acontece são os empréstimos que a língua indígena realiza em relação ao PB. E como o Português é uma língua dominante, praticamente não recebe a influência Trumai.

No nosso idioma, apenas em nomes de alguns rios afluentes do Xingu podemos atestar a influência Trumai. Os rios Manissauá-Miçu, Suiá-Miçu, Huaiá-Miçu e Aiuiá-

---

<sup>4</sup> Caraíbas – nome dados às pessoas não indígenas, ou seja, os brancos.



Miçu podem ter origem Trumai uma vez que todos têm o composto Miçu, e em Trumai *misu* significa água ou rio. Contudo, na Língua Portuguesa os rios em questão são grafados com /ç/e o idioma não possui esta letra, sendo grafados com /s/. Interrogamos o velho cacique sobre se tinha conhecimento do motivo dos rios levarem este nome, ele respondeu que “o povo Trumai vagava pela região do Xingu e que os mais velhos saíram dando nomes aos rios”. O relato nos pareceu um pouco mitológico, porém, tivemos interesse em registrá-lo neste estudo.

Quanto às palavras do idioma Português tomadas por empréstimo pelo Trumai, fizemos uma pequena catalogação. Algumas palavras foram observadas nos vocabulários já existentes (GUIRARDELLO, 1995), outras foram perguntadas aos membros da comunidade. Fizemos um quadro do léxico coletado. Observe a palavra e em seguida a tradução no idioma PB. Vale ressaltar que alguns termos que são conhecidos no idioma Português, na verdade, têm origem Tupi, tratam-se de elementos da nossa fauna. Ou seja, o mais provável é que o fenômeno de empréstimo tenha ocorrido através da língua Kamayurá que pertence ao tronco Tupi.

---

### As palavras do idioma Tupi são *tucanu*, *kurukukuk* e *arar*

Tabela 2: Empréstimos linguísticos	
Termo em Trumai	Termo referente em Português e Tupi
Alata	Panela de alumínio vem de lata
Asuka	Açúcar
Arar	Arara
Ararancha	Laranja
Aros	Arroz
Kafe	Café
Kasoro	Cachorro
Karafato	Gravador
Kopeta	Coberta
Kopu	Copo
Kurukukuk	Surucucu



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Malasia	Melancia
Mawmaw	Mamão
Mamaen	Mamãe
Moto	Motor
Panana	Banana
Pariya	Farinha
Paye	Pajé
Sapaun	Sabão
Tucanu	Tucano

**Fonte:** Juliana Borges de Oliveira.

Como podemos notar, as palavras introduzidas no idioma são substantivos, o que é natural, uma vez que o povo não tinha conhecimento dos elementos antes do contato com o povo não indígena, outros, porém, foram modificados com o tempo, como o termo ‘mamaen’, que é usado dentro de um diálogo Trumai, como se fizesse parte de sua língua original, mesmo quando a pessoa conhece o termo antigo, prefere o léxico Português. Diferente dos termos para designar avó, avô e pai, que são usados em Trumai. As palavras, por sua vez, não apresentam a mesma fonologia do idioma Português sofrendo uma adaptação para o Trumai.

Por tudo já apresentado, são visíveis as presenças de empréstimos linguísticos no campo lexical, ocorrentes na língua ao longo do tempo. É inegável a grande influência que a língua portuguesa exerce atualmente sobre as línguas indígenas (sobretudo em relação ao Trumai) devido ao seu prestígio e também pelo fato de as comunidades estarem inseridas em um contexto que favorece o uso do idioma.



### Considerações finais

É incontestável que dentro das aldeias Trumai a permanência do idioma original é um ato de resistência. Um povo que chegou a ser considerado extinto, ainda nos anos de 1950, quando 18 pessoas moravam em apenas uma aldeia com três casas, hoje falar (mesmo de forma precária) a língua de seus ancestrais é uma vitória, que teve apoio de linguistas que realizaram a catalogação do léxico e contou com a persistência dos mais velhos em transmitirem a língua original. Atualmente, o ensino escolar está possibilitando a transmissão da Língua Materna, mas ainda sofre com a falta de material didático para as atividades de ensino.

Contudo, é possível afirmar que as aldeias Trumai, especialmente a Wani Wani, hoje são contextos de revitalização da Língua Materna. Trabalho este que, a nosso ver, não deveria ser exclusivo das aulas de Língua Materna, visto que as outras disciplinas são dadas na língua dominante, no caso a Portuguesa, a língua Trumai, por sua vez, ocupa apenas o espaço de apenas uma aula semanal em qualquer ano escolar. Mesmo com as leis que justificam que todas as línguas são iguais, na prática, há uma contribuição para a imposição da língua oficial brasileira, fazendo com que os próprios falantes do Trumai se sintam desmotivados ao usarem o idioma original.

### REFERÊNCIAS

BOLIVAR, E. **Influências Mëbêngôkre**: cosmopolítica indígena em tempos de Belo Monte. Tese de Doutorado em Antropologia. Niterói, Rio de Janeiro: UFF. 2014.

CALVET, L-J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução Marco Marcionilo. São Paulo. SP: Parábola, 2002.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio. Ritual salva uma tribo da extinção. **Revista de Atualidade Indígena**, Brasília: FUNAI, n. 2, p. 30-39, jan./fev., 1977. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/REVISTAS/RevistadeAtualidade%20Indigena/MFN-11354.PDF>. Acesso em: 28 de abril de 2018.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio. Trumai torna realidade o isolamento voluntário. **Revista de Atualidade Indígena**, Brasília: FUNAI, n. 11, p. 51-56, jul./ago., 1978. Disponível em:



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

<<http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/REVISTAS/RevistadeAtualidade%20Indigena/MFN-11595.PDF>>. Acesso em: 18 de abril de 2018.

GALVÃO E. & SIMÕES, M. Mudança e Sobrevivência no Alto Xingu, Brasil Central. In: **Revista de Antropologia**. Vol. 14. SP. 1966 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110757/109180>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

GUIARDELLO, R. **Vocabulário Prático Português-Trumai. Trumai Corpus**, Dobes Archive. NEJMEGEN: Max Planck Institute for Psycholinguistics. 1994.

GUIARDELLO-DAMIAN R. **Fonologia, Classes de Palavras e Tipo de Predicado em Trumai**. Boletim do Museu Paraense Emílio Golbi. Série Ciências Humanas, Belém do Pará, v. 1. n. 2. p. 193-309, mai-ago 2005.

\_\_\_\_\_. Explorando Aspectos da História Trumai. In: FRANCHETT. **Alto Xingu: Uma Sociedade Multilíngue**. Rio de Janeiro, Museu do Índio/Funai, p. 113-152, 2011.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem Preliminar da Etnografia da Comunicação na Comunidade Trumai, Parque Xingu. In: SEKI, Lucy. **Linguística Indígena e Educação na América Latina**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, p. 351-363, 1993.

\_\_\_\_\_. **A série Intercontinental Dictionary**. Leipzig: Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionária. Disponível em: <http://ids.clld.org>. Acessado em: 18 de março de 2019.

LINHARES, M. A; ALENCAR, M. C. N. Repensando o Conceito de Diglossia à Luz de Michel de Certeau. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG: V. 24, n 2, p. 412 – 518, 2016.

MARTINY F; MENONCI C. **O Estudo do Bilinguismo e da Diglossia para uma Perspectiva Educativa**. 2013 Disponível em: <file:///C:/Users/wilin/OneDrive/Documentos/Juliana/plurilinguismo%20-%20socio.pdf> Acesso em: 14 de agosto de 2018.

MELLO, H.; ALTENHOFEN C; RASO, T. **Os Contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte. MG: Editora UFMG, 2011.

MONOD-BECQUELIN, A; GIRARDELLO. R. Histórias Trumai. In: FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER Michael (orgs.). **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 401-443, 2001.

OLIVEIRA. E. S. **A terra (vívuda) em movimento: nomeação de lugares e a luta Mëtyktire-Mëbêngôkre (Kayapó)**. Dissertação (mestrado em Antropologia) Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2017, 134 f.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras – Para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras**. São Paulo. Edições Loyola. 1986.

RIBEIRO, D. **Os índios e a Civilização. A integração das populações indígenas no Brasil Moderno**. São Paulo: Global, 2017.



## Web - Revista **SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

SAVEDRA, M.; HEYE, J. Línguas em Contato – Aspecto Sociolinguísticos e Políticas de Línguas Minoritárias. In: RAMOS, J. M. **Estudos Sociolinguísticos: Os quatro vértices do GT da ANPOLL**, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006

SEKI, L. A Linguística Indígena no Brasil; **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999 (257-290). UNICAMP; 1999. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aseki-1999/seki\\_1999.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aseki-1999/seki_1999.pdf). Acesso em: 18 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. **Alto Xingu: Uma área linguística**. Rio de Janeiro: Museu do Índio – Funai, 2011. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/xingu%3Ap57-85/alto\\_xingu\\_p57-85\\_seki.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/xingu%3Ap57-85/alto_xingu_p57-85_seki.pdf). Acesso em: 18 de abril de 2018.

VILAÇA, M. L. C. Conhecendo o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas: Fundamentos, Objetivos e Aplicações. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidade**; UNIGRANRIO / UFF, Volume V, número XV I I, Abril - Junho 2006. Rio de Janeiro RJ.

WEIS, B. et.al. **Almanaque socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos**. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2011.

Recebido Para Publicação em 30 de maio de 2019.

Aprovado Para Publicação em 10 de julho de 2019.